

The shallows: what the internet is doing to our brains.

CARR, Nicholas. Paperback edition.

Nova York: Norton, 2011. 280p.

McLuhan em contramão

Por Francisco Rüdiger¹

Devido à força e velocidade das inovações que impulsionam sua infraestrutura material e tecnológica, a cibercultura tem ensejado o surgimento de fenômenos caracterizados pela resistência à análise, menos de parte das velhas teorias, do que da geração de intelectuais ainda dominante nos nossos meios acadêmicos. Nessa área, a elaboração de muitos temas segue, ainda hoje, sendo obra de profissionais de mídia, jornalistas especializados e publicistas mais diretamente ligados à prática ou criação do próprio fenômeno, como bem se pode avaliar, lembrando nomes como os de Steve Johnson, Andrew Keen, Lee Siegel, Dan Gillmor e Nicholas Negroponte.

Nicholas Carr é uma das figuras de proa neste grupo, desde a publicação de *The Big Switch* (2007). Recapitulando a história da computação, o livro examina a essência e detalha os efeitos do que vem sendo chamado de sua mudança para o estado ubíquo. Em *The shallows*, retorna o autor ao tema, para, porém, adotar um outro viés, menos neutro ou distanciado. Agora, prega ele que a internet não importa pelos conteúdos que veicula, mas pelos processos materiais que agencia. McLuhan, em resumo, estava certo ao afirmar que o meio é a mensagem, mas essa, conclui o autor, não é uma máxima para se ver com bons olhos.

¹ Professor da Universidade Federal e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Doutor em Ciências Sociais (USP), publicou recentemente “As teorias da cibercultura” (Porto Alegre: Sulina, 2011).

Apesar de viciado confesso em engenhocas de comunicação, Carr nos adverte para o perigo que a net representa para a forma de pensar que ajudou a criar nossa grandeza. Depois de séculos de hegemonia da mídia impressa, recapitulados com competência pelo autor, seu bastão passou para a mídia eletrônica, em que desponta cada vez a internet. Com isso, ocorre, porém, a transição de um modo de pensar concentrado, linear e focal, para outro, superficial, disjuntivo e veloz (p. 10), cujo sentido tende a ser danoso para a humanidade.

Segundo o publicista, com efeito, em vez de veículo de conteúdos, “a internet seria melhor entendida como o último utensílio de uma série que tem ajudado a moldar a mente humana” (p. 115). O fenômeno afeta a maneira como usamos nossas mentes, à revelia dos conteúdos e informações que por meio dela processamos. Quando na posse de um equipamento que opera online, com uma mídia digital interativa, inserimo-nos em um ambiente que, independente do conteúdo, promove a leitura feita às pressas, o aprendizado superficial e a distração intelectual. De certo que, em princípio, o meio não nos impede de pensar profundamente, da mesma forma que é possível pensar superficialmente lendo um livro, mas, está convicto o autor, “aquele primeiro não é o tipo de pensamento que a tecnologia digital encoraja e recompensa [geralmente]”.

A Net fornece estímulos sensoriais e cognitivos, repetitivos, intensos, interativos e viciantes, que têm sido mostrados como os mais propensos a provocar rápidas e fortes alterações nos circuitos e funções cerebrais. Por isso, com exceção dos sistemas numérico e alfabético, a net pode bem ser a tecnologia alteradora da mente mais poderosa individualmente que já foi usada (p. 116).

Para Carr, “o cérebro pode ser influenciado pela tecnologia” (p. 32), sem que se esclareça o que ele está chamando de tecnologia. As pesquisas que compilou para escrever seu livro o autorizariam a crer que “os padrões de pensamento afetam a anatomia de nossos cérebros” (p. 33). Descartes, sugere o autor, não é um cachorro morto, que se possa desprezar sem prejuízo. Contudo, a obra, em

momento algum, reflete sobre o problema que, para o seu próprio fiscalismo, consiste o conceito de “padrões de pensamento”. Para Carr, basta postular que nossas ideias podem exercer influência física ou, pelo menos, causar reações físicas em nossos cérebros, sendo pressuposto não menos ingênuo de seu livro que também o corpo provoca reações, senão no conteúdo, ao menos em nossos padrões de pensamento.

Deixando de considerar que, se é assim, não há nada que, a todo o momento, de modo mais ou menos intenso, profundo e sistemático, esteja alterando, senão nossos cérebros, pelo menos nossos pensamentos, o publicista argumenta que, com o uso cada vez mais intenso dos recursos informáticos, surge uma cibercultura que não apenas nos absorve muito mais do que a cultura de massas promovida pelos meios de comunicação anteriores, mas promove a fusão dos nossos sistemas nervosos com as redes informáticas de uma mídia digital ubíqua e onipotente (p. 213).

O resultado, pensa, seria o paulatino abandono das competências que nos permitem progredir moral e intelectualmente e uma crescente alienação em relação à vida real, porque esta só pode retroceder, quando, em vez de desenvolver aquelas competências, passamos a ter mais preocupação com o processamento do fluxo de símbolos e estímulos proveniente de nossos aparatos. O pior, porém, para o autor, seria o avanço silencioso de uma ampla e profunda servidão espiritual a um poderio tecnológico enganosamente iluminado.

Quando procuramos informações via o Google ou outros mecanismos de busca, estamos seguindo um roteiro [escrito pelo seu software]. Quando olhamos para um produto recomendado para nós pela Amazon ou pela Netflix, estamos seguindo um roteiro. Quando nós escolhemos algo para descrever nossos relacionamentos ou nós mesmos dentro de uma lista do Facebook, estamos seguindo outro roteiro. Por mais engenhosos e extraordinariamente úteis que eles sejam, estes roteiros também mecanizam os complicados processos de exploração intelectual e, mesmo, de vinculação social (p. 218).

Carr observa bem, parece-nos, que, na cibercultura, a consciência é direcionada para a manipulação do equipamento, em vez de focar no significado eventualmente existente no que a ela está sendo oferecido (p. 128). Porém, não se fixa no ponto. Os experimentos reveladores do fato de que, quanto mais links possui uma página ou percurso online, menos compreensão do conteúdo ou elaboração do conhecimento há entre os usuários da net, embora citados, não são devidamente comentados. Deseja-se pôr a culpa no meio técnico. O contexto social mais amplo que explicaria esta conduta, mas também as características assumidas pelos agenciamentos maquinísticos da cibercultura, é pura e simplesmente ignorado. O foco está nos supostos efeitos, deduzidos de uma reflexão fisicalista.

A cacofonia de estímulos digitais [proveniente da net] provoca um curto-circuito nos pensamentos conscientes e inconscientes, prevenindo nossas mentes de pensar mais profunda e criativamente. Nossos cérebros convertem-se em simples unidades processadoras de sinais, fazendo a informação passar muito rapidamente pela nossa consciência [e assim perder seu sentido formativo e emancipatório] (p. 119).

Ainda que o emprego da mídia interativa nos forneça um fluxo de estímulos que engaja simultaneamente todos os nossos sentidos e, por essa via, exercite e fortaleça nossas competências nessa área (p. 117), o balanço do seu movimento como um todo é, portanto, negativo, desde um ponto de vista humanista, já que, em função daquele, a reflexão está retrocedendo diante da sensação, estamos, virtualmente, nos convertendo em “ratos de laboratório”, cada vez mais acostumados a, mecanicamente, viver teclando “para obter nossas pequenas doses de nutrientes sociais e intelectuais” (p. 118).

Concluindo, afirmaríamos, por um lado, que se trata de uma obra bem informada, que relata adequadamente vários tópicos da discussão mais abrangente que tem cercado a expansão da mídia digital mas que, de outro lado, apega-se, para marcar presença e fazer seu marketing, a uma tese exposta de forma muito mecânica, senão, para um livro,

sensacionalista. Talvez seja o caso de estarmos assistindo atualmente a uma mutação nos padrões de pensamento com base nos quais se ergueu o mundo moderno, mas pretender que isso, essencialmente, se deva à invenção e emprego de um artefato tecnológico, sem levar em conta tudo o que já se escreveu contra este tipo de reducionismo, em vez de nos fazer avançar, devolve a reflexão sobre a matéria para o estágio em que lhe deixara McLuhan.

Data de submissão: 07/09/2011

Data de aceite: 23/03/2012